

Estranhos na Pátria: Uma análise psicanalítica da violência contra refugiados

Strangers in Homeland: A psychoanalytical analysis of violence against refugee

DOI:10.34117/bjdv7n6-488

Recebimento dos originais: 07/05/2021

Aceitação para publicação: 16/06/2021

Wueslle Thibes dos Santos

Bacharelado em Psicologia - Uniandrade

Instituição de atuação atual: Nenhuma

Endereço : Rua General de Brigada Carlos Castor de Menezes, 71, Butiatuvinha -

Curitiba - PR

E-mail: wueslle@gmail.com

Vera Lucia da Silva Alves

Mestre em filosofia PUCPR

Instituição de atuação atual: Nenhuma

Endereço: Rua Viviany Cristina Wanto, 50 sobrado 6 - Curitiba PR

E-mail: veraalves33@hotmail.com

RESUMO

A temática dos refugiados vem aparecendo com frequência nos noticiários nos últimos anos, mobilizando diversos debates ao redor do globo. Isso porque o fluxo de imigração aumentou de forma exponencial nos últimos 10 anos, tendo como principais países a Síria, Afeganistão e o Sudão do Sul. Apesar disso, muitos outros países produzem novos refugiados todos os dias. Isso acontece por diversos motivos, entre eles: conflitos internos, guerras sectárias e a fome. Tal imigração equivale a um sintoma social; sintoma, este, que desestabiliza uma ordem prévia das coisas e, conseqüentemente, provoca oposições. Assim, surgem os discursos violentos contra os refugiados, que os consideram, muitas vezes, como terroristas ou invasores. A contribuição da psicanálise para essa questão pode vir de diversos flancos teóricos, porém, para esse artigo foram selecionados alguns conceitos para contribuir para o desenvolvimento da discussão: o refugiado estaria numa posição de estranho familiar, aquele que invade uma montagem de muros – estes visam segurança e o impedimento daquilo que está fora entre (a indeterminação e o mal-estar). A violência aparece como uma reação ao estranho, ela tem múltiplas formas, funciona como algo sistêmico e invisível, e, serve para justamente recuperar alguma suposta homeostase de um estado imperturbado antes da guerra. Ou, ainda, surge como uma violência simbólica, isso se refere à palavra como aquilo que reduz a coisa a um simples traço e lhe atribui perspectivas externas a ela mesma, sendo, então, a própria linguagem uma violência. Para tal análise foram utilizados diversos autores da psicanálise, tais como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Slavoj Zizek e Christian Dunker.

Palavras-chave: refúgio, refugiado, unheimlich, violência, inconsciente .

ABSTRACT

Refugee issues have often appeared in the news in recent years, mobilizing various debates around the globe. This is because the flow of immigration has increased exponentially over the past 10 years, with Syria, Afghanistan and southern Sudan as its main countries. Despite this, many other countries produce new refugees every day. This happens for a variety of reasons, including internal conflict, sectarian wars and famine. With this symptom that destabilizes a prior order of things, opposition also appears. This gives rise to violent speeches against refugees, often regarding them as terrorists or invaders. The contribution of psychoanalysis to this question may come from several theoretical fields, but for this article some concepts were selected to contribute to the development of the discussion. The refugee would be in this position of familiar stranger, who invades a wall assembly that aims at security and to prevent what is out there (indetermination and malaise) from entering. Violence then appears in various ways, as something systemic and invisible and which serves to justly recover some kind of homeostasis from an undisturbed state before the war, or as a symbolic violence, being referred to as what reduces the thing to a simple trace, and attributes external perspectives to itself, and then language itself is a violence. For this analysis were used several authors of psychoanalysis, such as Sigmund Freud, Jacques Lacan, Slavoj Žižek and Christian Dunker.

Keywords: refugee, other, strange; unheimlich, violence, unconscious .

1 INTRODUÇÃO

O ser humano migra desde que se levantou e passou a caminhar sob duas pernas. A pluralidade de culturas e idiomas que possuímos até então, só foi possível porque grupos de *Homo Sapiens* decidiram migrar (ZIMMER, 2017). As primeiras migrações saíram do norte da África, na região da Etiópia, para outras regiões do globo, há aproximadamente 270 mil anos atrás. Desde então, vários movimentos migratórios aconteceram, permitindo a formação das sociedades ocidentais, orientais e mediterrâneas, como as conhecemos hoje (ZIMMER, 2017).

Migra-se por vários motivos, dentre eles: em busca de um lugar desconhecido para preencher a esperança de uma vida melhor; por questões organizacionais; ou, ainda, por questões políticas. A presente pesquisa irá se ater ao último motivo referido.

Aquele que faz uma migração forçada por questões políticas é denominado refugiado ou asilado. Tal migração também pode acontecer por diversos motivos: conflitos internos na região, perseguições políticas, retaliações e sanções do próprio estado, guerras sectárias, afundamento de estados, expedições militares, e outros

(BAUMAN, 2017). Essa migração forçada é responsável por criar centenas de milhões de refugiados.¹

A experiência de refugiar-se em um outro lugar que não é o seu, pode ser, por si só, uma experiência traumática. Pois, o novo lugar é regido por um “Outro”², isto é, outra cultura, outro lugar simbólico, que lhe é estrangeiro e estranho. Obviamente o “Outro”, lugar estranho, irá impor ao sujeito novas normas e regras – as quais ele aceita ou busca outro espaço supostamente menos tirânico (DUARTE, 2016).

Assim, o refugiado pode sofrer ao ocupar o lugar do estrangeiro na nova sociedade e, sobretudo, pela sua simples presença estrangeira, pode ferir uma unidade narcísica já constituída, uma sociedade com cultura e normas próprias instituídas, encerrada em seus muros e fronteiras, como será analisado no corpo trabalho.

As possíveis interpretações e consequências às “ameaças” deste estranho, que está fora da coesa cultura, que não compõe o grupo já estabelecido, que traz más-novas de lugares longínquos e daquilo que nada se sabe e não se quer saber (BAUMAN, 2017), podem ser respondidas com violência, por exemplo, com atos homicidas, como o caso na cidade de Christchurch³.

Tais ações e reações dos membros de uma sociedade diante de um estranho, de um refugiado pode ser configurado como um sintoma. Apesar dessa ruptura sintomática no tecido social (que expressa tanto a intolerância ao diferente quanto a dificuldade de aculturação) ser significativa e crescente, observa-se escasso acompanhamento e produção acadêmica da psicologia. Há pouca pesquisa diante desse crescimento exponencial das ondas migratórias ao redor do mundo e das suas consequências psicológicas, haja vista que em busca na base de dados LILACS utilizando as palavras chave: psicologia AND refugiados, foram encontrados apenas 16 artigos produzidos na América Latina entre 1990 e 2019.

Isso indica a necessidade de se produzir mais pesquisas acerca dessa problemática. É necessário colocar em discussão a questão da relação subjetiva e do sofrimento psíquico

¹ Os dados serão apresentados na sequência.

² Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a. (Roudinesco, 1998, p. 558)

³ Este caso é do australiano Brenton Tarrant, adepto de um discurso anti-imigrantes e de extrema direita, assassino de 49 pessoas nas mesquitas de Linwood e Al Noor no dia 15 de março de 2019 (BBC, 2019)

do refugiado com a perda de sua nação e de sua cultura original e do novo vínculo com o Outro simbólico, bem como, colocar em discussão a reação daquela nação que acolhe (evitando) o estrangeiro. O presente artigo fará uma correlação da questão dos refugiados com a estruturação inconsciente, segundo uma perspectiva psicanalítica.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura narrativa, de natureza qualitativa, de caráter exploratório e explicativo sobre como o refugiado é colocado no lugar do estranho, do diferente e sua relação com a violência.

Em busca na base de dados SciElo com as palavras-chave “*refugee*”, observou-se que houve um aumento expressivo nas produções acadêmicas sobre a temática do refugiado nos últimos 10 anos, sendo encontrados 146 resultados, destes 39 foram publicados em 2016 – o ano de maior produção com este tema. Entre os anos 2000 e 2009 encontrou-se apenas 34. Ao utilizar as palavras-chaves “*migrant*” e “*violence*” encontrou-se 37 artigos, totalizando assim 183 artigos que relacionam os conceitos de refugiados, imigração e violência.

Os critérios: Tempo de publicação (foram descartados os artigos produzidos antes dos anos 2000); idioma (descartados artigos de outras línguas que não inglês e português); e, relevância do tema. Após as exclusões, foram utilizados aproximadamente 30 artigos. Além dos artigos, foram utilizados livros, sem critérios temporais, tais como as obras completas de Sigmund Freud, Seminários de Jacques Lacan, textos de Slavoj Žižek, Noam Chomsky, Bauman e Christian Dunker, de acordo com a relação e com os objetivos da pesquisa. Foram utilizadas também dissertações e teses do sistema CAPES.

3 ACERCA DO REFÚGIO E DO REFUGIADO

A palavra refúgio tem sua etimologia originada no latim “*refugium*”: lugar que se busca para coibir o perigo. Pode ser associada também ao grego “*asylon*”: lugar incorruptível e que não pode ser violado (Priberam, s.d.). Assim, a etimologia apresenta um espaço de suspensão da violação, mas evidencia uma relação essencial e paradoxal entre exílio, refugiado e violência. Tal relação será analisada na sequência.

Sobre o termo “refugiado”, relativo ao estatuto dos refugiados, foi oficialmente definido na convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1951 .

Segundo o artigo 1º, refugiado é a pessoa que:

“[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.” (ONU, 1951, p. 2)

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) adicionou à definição: “[...] Também são consideradas refugiadas aquelas pessoas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos.” (ACNUR, 2019, p. 2)

Isso porque entende-se que a não assistência daquele estado de direito à cidadania dos indivíduos que compõe aquele corpo social/político fere diretamente a declaração universal dos direitos humanos e, portanto, é qualificador da lei internacional para determinação de status de refugiado, de acordo com as convenções de 1951 e 1967, alusivo ao estatuto dos refugiados (ONU, 1951; 1967).

A questão dos refugiados tem aparecido cada vez mais nos jornais nos últimos anos, sendo pauta de diversos debates pela União Europeia (UE) e dividindo opiniões entre os chefes de estado e de governo (DW, 2018). Contudo, apesar das discordâncias, o fato em comum é que existe uma problemática quanto aos refugiados que tem se enrijecido com o avançar da última década, em especial dos últimos 5 anos (UNHCR, 2017).

De acordo com o “UNHCR”, *United Nations High Commissioner for Refugees* (ACNUR) – órgão criado em 1950 com objetivo de dar apoio aos refugiados de todos os lugares – 660 milhões de pessoas realizaram migrações forçadas no período de 17 anos. Entre os refugiados estão pessoas que buscam asilo, pessoas deslocadas internamente (PDI), refugiados que retornaram, PDIs que retornaram, expatriados, dentre outros. Essa cifra fica ainda mais alarmante quando se vislumbra que 71.44 milhões de migrações ocorreram apenas no ano de 2017 – número equivalente a quase 1% da população mundial, que na época era de 7,6 bilhões (UNHCR, 2017).

4 O SIMBÓLICO DO REFÚGIO E DO REFUGIADO

O filósofo Vladimir Safatle em sua coluna “Refugiados que devem ser educados” da Folha de SP (2016) evidenciou que, sob a óptica da psicanálise, o primeiro indivíduo

a pedir asilo num lugar diferente da sua origem foi Édipo⁴. Ele foi expulso de Tebas, ainda bebê, pelo seu próprio pai e foi acolhido por Teseu na cidade de Colono. Mas, retornou a Tebas na vida adulta (Safatle, 2016). Essa ilustração psicanalítica do refúgio e do refugiado coloca em pauta o caminho trágico do herói fadado a um destino que lhe atravessa sem que possa controlá-lo. Saindo e retornando da nação que o elevou ao *status* de refugiado à herói, pois, quando eliminou a esfinge recebeu a condição de regente da nação e, ao mesmo tempo, recebeu seu destino trágico.

Tanto o herói da mitologia grega quanto o refugiado atual são atravessados por dois significantes: nação e pátria. A etimologia desses dois significantes referem-se às temáticas de lugar de origem atravessada pelo pertencimento geracional. Nação (do latim: *natus*) como nascimento; pátria (do latim: *pater*) como pai – A perda da pátria, bem como, a perda do pai simbólico⁵.

O psicanalista francês Jacques Lacan (1938) explica que a perda do referencial do pai, perpassa necessariamente pelo significante do “nome-do-pai⁶”, esse que amarra todos os outros na cadeia de significantes do sujeito. O declínio do pai representa um declínio de um pai simbólico, o pai da horda, capaz de ditar um destino e organizar o sujeito em relação às suas cadeias significantes. “[...] o pai simbólico que representa o Outro como sede da lei. Para que haja algo que faça com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai, o pai morto, isto é, o símbolo do pai.” (LACAN, 1957, p. 152)

Essa perda coloca em evidência a falta, mas, permite ao indivíduo se haver com o próprio desejo na medida que se afasta do “nome-do-pai”, o qual aparece através da incidência do inominável, *unbehagen*, do mal-estar e do real (DUARTE, 2016).

O mal-estar que desponta no sujeito que busca refúgio, portanto aquele que já perdeu o pai e a pátria, pode surgir através do desamparo, denominado por S. Freud (1926) de “*angst*”, angústia ou ansiedade. O pai da psicanálise definiu “*angst*” como defesa do ego em relação à perda do primeiro objeto de desejo. Já Lacan, define a angústia como um sinalizador de desamparo diante da perda do lugar de amado perante o Outro (DUARTE,

⁴ Personagem da peça trágica de Sófocles, utilizado por Freud para esclarecer seu conceito psicanalítico do ‘Complexo de Édipo’.

⁵ Para Lacan (1953) trata-se da perda do grande Outro – registro simbólico e princípio organizador de alteridade radical, sendo referido como um dos 3 registros fundamentais da estruturação psíquica (real, simbólico e imaginário).

⁶ O Nome-do-pai é o significante fundamental porque permite a significação para proceder normalmente. Esse significante fundamental confere tanto a identidade do sujeito (nomeia e o posiciona na ordem simbólica) e significa a proibição edípica, o “não” do tabu do incesto. (LACAN, 1998)

2016). Ambas versões esclarecem a questão do refúgio e do refugiado: a perda da nação amada e a perda da proteção do “Outro” simbólico.

5 A DIÁSPORA E SEU IMAGINÁRIO

Em 2017 a pesquisadora estadunidense Ramona Kreis realizou uma análise no microblog *twitter* dos discursos anti-refúgio através da hashtag “#refugeesnotwelcome” (refugiados não são bem-vindos). Foram selecionadas cem mensagens de diversos lugares da Europa e foi identificado que, majoritariamente, o núcleo do discurso de todas as mensagens está relacionado a um sentimento de ter sua pátria invadida (KREIS, 2017). Em grande parte das mensagens aparece também uma secção: de um lado está a construção de uma nova identidade europeia e de outro a construção imaginária de refugiados como “criminosos”, “clandestinos” e “invasores”. (KREIS, 2017).

Para além das mídias sociais, há uma correlação entre o discurso anti-imigração e as mídias convencionais, como demonstrado por Jäckle e König (2018); eles delimitaram três possíveis variáveis que relacionam refugiados à violência : 1) Violência ou crimes cometidos por refugiados; 2) Operações policiais contra fundamentalistas islâmicos; 3) Ataques e alarmes terroristas na Alemanha ou nos países vizinhos.⁷ Assim posto, as três variáveis ficaram permeadas pelo discurso midiático que, dada as proporções das notícias e a forma como é construída a narrativa, influenciou diretamente a opinião pública, potencializando desse modo o discurso de ódio e a violência anti-imigração (Jäckle & König, 2018).

Além desses discursos rotulando refugiados como invasores e/ou como terroristas, outra crença comum é a de que os refugiados irão roubar empregos e benefícios sociais que seriam de direito dos “cidadãos” originários de determinado país ou região. Isso foi demonstrado por uma pesquisa do Pew Research Center (2016), a qual apontou uma grande anuência popular europeia a essa crença: 82% da população húngara e 75% da polonesa corroboram tal crença. Países como Holanda, Alemanha, Itália, Grécia, Suíça, Reino Unido, França e Espanha também demonstraram concordância à crença, com 50% em média .

A seguir serão apresentados dois conceitos de âmbito psicanalíticos: o “infamiliar” de Freud e a “lógica do condomínio” de Dunker, que permitirão elucidar a posição que o sujeito em refúgio ocupa no imaginário social.

⁷ A pesquisa foi realizada através de notícias do jornal alemão Spiegel Online, um dos maiores veículos da mídia tradicional germânica

6 O INFAMILIAR

Do alemão ‘*das unheimliche*’, o infamiliar diz primeiramente de uma experiência estética do horror, um incômodo ou desconforto diante de algo que conhecemos e desconhecemos ao mesmo tempo. Em algumas edições da obra freudiana o conceito era traduzido como a “inquietante estranheza” e “o estranho familiar”, ou seja, o estranho que nos habita e que nada queremos saber (FREUD, 1919).

Freud se apropria de uma definição dada por Schelling (1968 *apud* 2019) proferida em uma de suas aulas em Berlim, a qual define o “*unheimlich*” como aquilo que veio à luz, que surgiu, porém, deveria ter permanecido em segredo, na escuridão. Contudo, como demonstrado por Freud (1919), seu oposto “*heimliche*”, que em sua essência estaria relacionado a um sentimento de familiaridade e intimidade, traz também as ideias de “secreto e desconhecido”, aglutinando assim os opostos. Seguindo tal raciocínio, (*un*)*heimliche* indica a negação do familiar, sendo o (*un*) a partícula que explicita o recalçamento de algo que já foi conhecido e não o é mais.

Dunker (2019) define algumas oposições contidas em (*un*)*heimliche*: “Casa (intimidade ou privacidade) / Floresta ou Rua (estrangeiro ou público), confiança (manter próximo) / desconfiança (manter distante), oculto (pertence a alguns) / revelado (pertence a todos), vivo, animado, humano / morto, inanimado (coisa), inumano” (DUNKER, 2019, p.137). Porém, esse estado de oposição não é bem delimitado, havendo entremeios que se cruzam o tempo todo, causando então o sentimento de indeterminação e estranhamento explicitado por Freud (1919).

Em seu texto “Sobre o sentido antitético das palavras”, Freud (1910) expõe através dos estudos do linguista Karl Abel, a relação dialética na formação do idioma, utilizando como exemplo a língua egípcia. Segundo ele, além de existirem palavras que continham seus opostos nela mesma (como se a palavra “forte” significasse concomitante forte e fraco, por exemplo) existiam também palavras que necessitavam de duas partículas para representar uma, como “fortefraco”. Isso acontecia por uma motivação estritamente dialética, uma vez que “forte” precisava do “fraco” para indicar que é forte, ou, “luz” precisava de “escuridão” para indicar que é luz. Essa relação antitética forma um campo de significação que pode ser traduzida em uma mecânica do funcionamento inconsciente, como argumenta Freud (1919), ao analisar a deformação do conteúdo nos sonhos que, segundo ele, muitas vezes contém em si seus opostos.

Essa convergência pode ser exportada para o (*un*)*heimliche*, visto que a palavra ‘infamiliar’ é composta pelas partículas (*heim*) casa e (*licht*) luz. Assim, ‘infamiliar’

representa duas coisas que nos são familiares: a casa e a luz, já expostas anteriormente. No sentido antitético, a luz contém a escuridão e a casa contém o externo, por isso *heimlich* é simultaneamente o familiar e o infamiliar (DUNKER, 2019). É nesse ponto que se coloca, então, o estranho como retorno daquilo que outrora fora conhecido. Ainda sobre o estranho, Freud acrescenta:

“[...] propriamente, algo que tem um efeito de infamiliar frequente é facilmente alcançado quando as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas, quando algo real, considerado como fantástico, surge diante de nós, quando um símbolo assume a plena realização e o significado do simbolizado e coisas semelhantes” (FREUD, 1919, p. 71)

Ao encerramento das fronteiras entre a realidade e a fantasia, conforme a citação freudiano, o fato é dado como dúbio e paradoxal, surge então um campo de indeterminação e, nesse campo, há a emergência do Real como aquilo que escapa ao simbólico e não cessa de não se inscrever (LACAN, 1953).

O refugiado apareceria aqui como portador do dúbio ou como esse infamiliar, na medida que é colocado imaginariamente como o estranho, como o invasor, como o criminoso, como aquele que supostamente vai violentar as relações estabelecidas e estabilizadas da cultura local, assim descrito acima, na pesquisa de Ramona Kreis (2017).

A partir desta pequena conceitualização psicanalítica, vemos o refugiado colocado na posição de arauto do mal-estar, que desestabiliza a “pseudo homeostase” organizada pelo recalque para impedir a iminência do real. O exilado assim como o infamiliar, enquanto conceito, contém em si os sentidos antitéticos de dentro/fora, de casa/rua, de humano/inumano. Ao passo que os refugiados atravessam as fronteiras demarcadas geograficamente (representantes da fronteira entre a fantasia e o real) invadem os limites do muro simbólico do familiar, destituem a razão de ser e violam a segurança do conhecido. Nesse interregno aparece o sintoma em forma de violência com o objetivo de eliminar aquele que imaginariamente ameaça, com o objetivo de eliminar o estrangeiro, o outro da diferença radical, o outro estranho, mas, ao mesmo tempo, familiar. Portanto, o refugiado representa o dúbio e paradoxal – ‘*unheimliche*’.

Na sequência será analisado brevemente o conceito de “lógica do condomínio” apresentado por Dunker (2016), a fim de determinar o espaço “para cá da fronteira”, bem como, definir mais o que é o dentro/fora, explicitado pelo ‘*unheimliche*’.

7 A PSICANÁLISE “ENTRE-MUROS”

Em sua obra “Mal-estar, sofrimento e sintoma”, Dunker (2015) estabelece uma metáfora baseando-se na frase de Lacan “entre o homem e o mundo, há um muro” (1972, p. 90). Essa metáfora é marcada pela construção de grandes condomínios como *Alphaville*, concebendo uma correlação entre os muros, a indeterminação e a incidência do mal-estar. Cercear-se entre paredes, delimitando o que é dentro e fora, criando fronteiras e zonas de interdição é encontrar um lugar onde o mal-estar foi nomeado.

A construção do condomínio se orienta pela busca de um lugar perdido, um espaço de realização onde é possível estar entre pares, atravessados por uma normativa que serve aos sujeitos que ali estão, mantendo a ordem e impedindo o caos. Uma espécie de autarquia desconectada do que há do lado de fora. Dois argumentos preponderantes na retórica de condomínios são: segurança e acesso a serviços (DUNKER, 2015).

Dunker (2015) estabelece três tempos para a montagem de uma fantasia organizada através dessa representação, a qual ele chama de “lógica do condomínio”. O primeiro tempo é do mal-estar real (separação dentro-fora, ordem-anomia, através da construção do muro e portanto, correlato da castração); o segundo, o recalçamento (nomeação) do mal-estar; o terceiro, a elaboração imaginária do outro (figura do síndico como aquele que coordena o sofrimento num espaço de ordem e de produção, aquele que converte um desprazer tangível no que ele possa administrar). Por fim, Dunker adiciona aos três tempos um quarto, a formação de sintomas – que articulam o nó e norteiam o nexos do eixo real-simbólico-imaginário⁸(RSI).

Além disso, a ideia de muro apresenta uma relação direta com a de segurança. Ao se cercar impede-se que o que há lá fora entre, como um forte – o muro se orienta como defesa. Essa é uma ideia presente também na psicanálise, a defesa como uma das formas de tornar essa indeterminação do mal-estar em determinação, dar nome e existência a algo a que se deve defender, como explicitado pelo autor na seguinte passagem:

“O condomínio expressa uma espécie de nova montagem entre supereu e fantasia, uma nova política de manejo da alteridade e do antagonismo social, em cujo epicentro podemos colocar o mal-estar na a-violência. Os novos sintomas ganham, assim, uma espécie de princípio de redescritção, a partir do qual são dispostos tanto como efeitos articulados de uma nova forma de declínio da função social da imago paterna quanto de uma irrupção do Real.” (DUNKER, 2015, p.106)

⁸ Eixo organizado pelo nó borromeano, estrutura baseada no brasão da família Borromeu onde 3 arcos são enlaçados de forma que um não pode ser solto sem desorganizar toda a estrutura

Deste modo, o infamiliar, como figura do estrangeiro, revela-se nessa metáfora como aquele que vem de fora e tenta adentrar nesse espaço de determinação do mal-estar, onde ele se encontra nomeado e onde há um síndico que reorganiza o desprazer tornando-o gestável. E como dito por Freud (1919), ao desaparecer os limites entre a fantasia e a realidade algo tido como fantástico surge e esse algo traz consigo aquilo que muito se nega: a falta.

O quarto tempo da formação da fantasia na lógica do condomínio é a violência como sintoma que amarra o nó⁹ (DUNKER, 2016). Assim, o infamiliar seria aquele que promove o “desnodamento”, desorganizando a montagem da suposta segurança e expondo os indivíduos que outrora viviam encastelados em seus condomínios ao deserto do real.

8 ACERCA DO VIOLAR

Violência, palavra de origem latina, tem sua etimologia nas palavras *violentia* e *violare*: vocábulos para impetuosidade e violação respectivamente (Conceito, 2011). Desde os primórdios da humanidade a violência é um meio para alcançar finalidades, um resultado de um conjunto de aspectos sociais e, até mesmo, um sintoma de práticas culturais que remontam um passado longínquo.

Segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), violência é: “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. (World Health Organization, 2002, p. 5)

A escolha do verbete “poder” que segue “força física” remete a um aspecto político da violência. Onde o poder existe, pode ter significado de impor a própria vontade sob o outro, em qualquer instância que se estabeleça uma relação vertical, como descrito por Max Weber em sua obra “Economia e Sociedade”. Weber apresenta uma interessante relação da violência como constructo etimológico de impetuoso e de violador com o poder, portanto, na esfera social (WEBER, 1991). Desta arte, entende-se que a violência é social, uma vez que depende intrinsecamente do outro e estabelece uma relação de dominação imediata como resultado.

⁹ Nó borromeano

A legitimidade da violação como meio de dominação só foi possível através do fenômeno da linguagem, dando consciência à estrutura semiótica da violência, bem como, dando razão de ser ao que pratica a violação. Desse modo, a linguagem molda a violência como fenômeno, constrói um sistema no qual a totalidade dessa dinâmica é muito maior que a soma de todas as partes e confere, assim, uma relação diametralmente oposta e vertical entre dominador e dominado, violador e violado.

Essas relações de poder aparecem em diversos momentos no percurso histórico, ecoando através de vozes oprimidas por sua classe, raça, gênero, etnia ou credo, e por isso, a violência é essencialmente política (COSTA, 2018). As diferenças estruturais que sustentam discursos de dominação servem como único meio possível de alcançar o desenvolvimento, sendo "*conditio sine qua non*" da competitividade, todavia, servem também como manutenção constante da violência.

9 A PSICANÁLISE DA VIOLÊNCIA

Em uma perspectiva psicanalítica, a violência está associada a afetos tais como a hostilidade e o ódio, ambos relacionados aos conceitos apresentados na obra freudiana de "*Eros e Tanatos*". A dicotomia entre as pulsões que afirmam e destituem a vida. A violência como ato, como repetição indica um lugar de gozo¹⁰ do sujeito na posição relativa ao discurso sadomasoquista, uma vez que a violência ao outro é uma violência contra si (FERRARI, 2006).

Lacan separou aquilo que chamou de violência propriamente dita e agressividade. A violência propriamente dita é algo que não pode ser recalcado, pois a violência em si é o curto-circuito da palavra, a passagem ao ato, e, portanto, a incidência do real (LACAN, 1991). Já a agressividade estaria relacionada ao "estádio do espelho"¹¹, a posição do pequeno outro imaginário como uma imagem especular e uma agressividade direcionada a ele. Essa relação especular que se constrói na formação do eu, onde o indivíduo rivaliza com a sua própria imagem e forma-se o que Lacan chamou de paranoia estrutural do homem. O sujeito, cindido pelo semelhante, sente-se agressor e agredido, autoagressão e autoagredido, o superego resulta como expressão dessa cisão do sujeito contra si mesmo (FERRARI, 2006).

¹⁰ Do francês *Jouissance*

¹¹ Parte do desenvolvimento infantil onde a criança se identifica com a sua própria imagem no espelho e passa a se reconhecer como alguém separada do mundo e com um nome

A violência aparece na obra psicanalítica também como parte fundamental do mito fundador, uma antropologia do sujeito inconsciente castrado¹², apresentado por Freud em seu texto "Totem e Tabu" (1913). Nesse mito, Freud apresenta a violência como fundadora e parte essencial do processo civilizatório, uma vez que permite a vida em sociedade, estabelecendo, juntamente da lei, o mal-estar pela vivência incompleta do desejo. Em uma perspectiva hobbesiana, *bellum omnium omnes*, a guerra de todos contra todos, é parte da disputa dos filhos pela posição de pai-da-horda¹³. Assim como o "Leviatã" de Hobbes, que foi erigido no lugar desse Pai que é morto, um totem, que o representa, é significado de toda a lei e ordem que instaura o tabu do incesto. Para além dessa análise, é possível expandir o conceito de violência para a vida mental, a qual funda a constituição do psiquismo na sua relação com o meio.

10 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A entrada na linguagem possibilita a entrada da violência (PERINE, 1987). É a partir desse pressuposto que Žizek organiza a sua ideia de uma violência da linguagem. Essa violência, que se diferencia da anteriormente chamada de violência propriamente dita, é o laço social que protege o sujeito do Real, do mal-estar primordial ou, ainda, da morte do Pai-da-horda. Aqui retoma-se o que Lacan diz, pois há uma interdependência dessa relação do outro com a violência. Para tal análise Žizek (2014) resgata o caso da caricatura de Maomé realizada pelo jornal dinamarquês Jyllands-Posten em 2005, que gerou revolta das comunidades muçulmanas, para se referir a violência simbólica. O alvo dessa revolta, nesse caso, não foi a caricatura por si só, mas, sim, a todo um ideal de um ocidente imperialista, ateu e hedonista, correlata de maneira diametralmente oposta. A caricatura orientalista que se faz no ocidente com símbolos que estruturam a violência e organizam a linguagem, posiciona esses sujeitos em relação a si e aos outros e, sobretudo, condensa todo ódio em uma imagem (característica fundamental da linguagem) (ŽIZEK, 2014).

A violência se faz aqui no próprio processo de simbolização. A linguagem desenreda a coisa e na medida que o faz, a diminui, a reduz à uma perspectiva e, forçosamente, a insere em um contexto e campo de significação que não lhe é natural (ŽIZEK, 2014). Isso é justamente o que Lacan chama de significante-mestre, ao realizar

¹² Isso é, atravessado pela lei do Pai

¹³ Nome dado por Freud ao pai da horda primordial que é assassinado pelos filhos e tem um totem erigido em sua posição simbólica

esse processo de redução sutura-se o campo simbólico. Nesse sentido, a comunicação não se faz de forma igual, homeostática e horizontal, mas, sim, de forma assimétrica. Haja vista que cada espaço de discurso objetivo (real) é fundado basicamente por um imperativo desse significante-mestre irracional. Eis a montagem da violência simbólica (ZIZEK, 2014).

11 CONCLUSÃO

Finaliza-se não como conclusão propriamente dita, mas com o desejo de proporcionar maior abertura para o discurso da violência contra refugiados, que, antes de tudo, é o discurso da relação do inconsciente com o estranho. Portanto, finaliza-se com o desejo de proporcionar abertura para falar do “*unheimliche*”, esse que faz parte da nossa estrutura psíquica — o estranho que nos habita.

A violência perpetrada contra refugiados é um sintoma de uma série inextricável de variáveis sociais, políticas e econômicas, e todas elas apontam para o mesmo lado: o mal-estar como vivência incompleta do desejo e a morte do pai-da-horda.

No campo da violência simbólica, ela opera reduzindo os seres humanos vindos de outro lugar; essa violência subjuga toda experiência e subjetividade do estrangeiro, essa violência os condenando a serem apenas “refugiados”. E, ainda, lhes atribui perspectivas externas à própria coisa, como: “refugiados são bandidos, querem roubar nossos empregos”. Essa característica da linguagem é a sutura do campo simbólico que organiza o nó, a qual Lacan se refere.

A violência se apresenta com múltiplas facetas, podendo desta forma, ser analisada através de diversos aportes teóricos. Quando Lacan diz que a violência contra o outro é uma violência contra si (FERRARI, 2006), no conjunto da análise realizada nesse artigo, é possível pensá-la como uma violência provinda de uma relação especular com esse estranho que nos habita. A violência (subjetiva) perpetrada contra o outro, representa uma quebra na homeostase do corpo social, apresentado por Lacan como violência propriamente dita. É, então, um curto-circuito na palavra, onde aparece o que não pode ser dito, o inexprimível, aquilo que não pode ser simbolizado, como o real, ou, de outro modo, aquilo que veio à luz e deveria ter permanecido na escuridão, recalcado, como o ‘*unheimliche*’.

Essa pesquisa permitiu elucidar uma pequena relação contingencial da linguagem com fenômenos sociais tais como a violência e o mal-estar com o crescimento exponencial em ondas migratórias. E, parafraseando Lacan em seu célebre discurso no

Hospital Saint-Anne (1972): entre o refugiado e o condomínio há o muro! haja vista que é esse discurso que atravessa os sujeitos.

Não por acaso que Hobbes decidiu-se pelo nome “Leviatã” – criatura mitológica que assombrava o imaginário dos marinheiros e, mesmo sem existir, controlava-os através da coerção.

Toda a estrutura simbólica voltada para impedir a entrada de refugiados revela uma sociedade essencialmente neurótica, que ainda não está pronta para se haver com a sua falta, por isso, como já dito: o muro se apresenta como defesa.

Assim posto, a relevância dessa discussão para a psicologia reside justamente aí, na possibilidade de refletir sobre o que é o estranho e sobre o lugar do outro no psiquismo humano, e através disso, produzir novos significados.

“Assim, fica cada vez mais claro que a solução não é “derrubem os muros e deixem todos entrar”, nos termos da exigência fácil e vazia dos liberais “radicais” de coração mole. A única verdadeira solução é derrubarmos o verdadeiro muro – não o do Departamento da Imigração, mas o social e econômico: transformar a sociedade de maneira que as pessoas deixem de tentar desesperadamente fugir de seu próprio mundo.” (ZIZEK, 2014, p.73)

REFERÊNCIAS

- ACNUR. (2019). *Protegendo refugiados no Brasil e no mundo*. Brasília: ACNUR
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BBC. (2019). O que se sabe sobre o atirador que se filmou em ataque na Nova Zelândia. Fonte: BBC Brasil: www.bbc.com/portuguese/amp/international-47586983
- Chomsky, N. (2009). *Estados Fracassados: O abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Conceito. (25 de Fevereiro de 2011). Conceito de violência. Fonte: conceito.de/violência
- Costa, H. S. (2018). Poder e violência no pensamento de Michel Foucault. *Sapere Aude*, 153-170.
- Duarte, M. B. (2016). O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro. *Acervo Digital UFPR*.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Dunker, C. I. L. (2019). O infamiliar. Em *Obras incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Autentica.
- DW. (2018). Como a questão dos refugiados divide a UE. Fonte: DW: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-quest%C3%A3o-dos-refugiados-divide-a-ue/a-44429705>
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e Violência. *Psicologia Clínica*, 49-62.
- Freud, S. (1974). Além do princípio do prazer. Em *Obras completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). O eu e o Id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919/2019). O infamiliar. Em *Obras incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Autentica.
- Freud, S. (1919/2019). O sentido antitético das palavras. Em *Obras incompletas de Sigmund Freud*. São Paulo: Autentica.
- Girard, R. (1990). *Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra.
- HRW. (2015). Burundi: Crackdown on Protesters. Fonte: Human Rights Watch: <https://www.hrw.org/news/2015/04/27/burundi-crackdown-protesters> Human Rights Watch.

- HRW. (2019). The Alarming Rise of Anti-Semitism in Europe. Fonte: Human Rights Watch: <https://www.hrw.org/news/2019/06/04/alarming-rise-anti-semitism-europe>
- Independent. (2015). Hungarian PM Viktor Orbán says 'all the terrorists are basically migrants' in response to Paris attacks. Fonte: Independent: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/hungarian-pm-viktor-orb-n-says-all-the-terrorists-are-basically-migrants-in-response-to-paris-a6746356.html>
- Independent. (2017). French elections: Marine Le Pen vows to suspend immigration to 'protect France'. Fonte: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/french-elections-latest-marine-le-pen-immigration-suspend-protect-france-borders-front-national-fn-a7689326.html>
- Independent. (2018). Refugees are 'Muslim invaders' not running for their lives, says Hungarian PM Viktor Orban. Fonte: Independent: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/refugees-muslim-invaders-hungary-viktor-orban-racism-islamophobia-eu-a8149251.html>
- Jackle, S., & Konig, P. D. (2018). Threatening Events and Anti-Refugee Violence: An Empirical Analysis in the Wake of the Refugee. *European Sociological Review*, pp. 1-16.
- Kreis, R. (2017). #refugeesnotwelcome: Anti-refugee discourse on Twitter. *Discourse and Communication*, pp. 498-514.
- Lacan, J. (1938/1985). Os complexos familiares na formação do indivíduo, ensaio de análise de uma função em Psicologia. Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (1953/1985) O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Lacan, J. (1957/1991). Os circuitos do desejo. O seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1956/1995) O Seminário: livro 4 – A Relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Meruje, M., & Rosa, J. M. (2013). Sacrifício, rivalidade mimética e "bode expiatório" em R. Girard. *Griot*, 151-174.
- Miller, J.-A. (1991). La agresividad en psicoanálisis de Jacques Lacan. Em J.-A. e Miller, *Agresividad y pulsion de muerte* (pp. 7-22). Medelin: Fundacion Freudiana de Medelin.
- Neves, T. I., Santos, A. S., & Mariz, I. A. (2017). A violência e o seu real: Zizek e a psicanálise. *Subjetividades*, 45-54.
- Pew Research Center. (2016). Europeans Fear Wave of Refugees Will Mean More Terrorism, Fewer Jobs. Fonte: *Global attitudes and trends*: <https://www.pewresearch.org/global/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/>
- ONU. (1951). Convenção relativa ao estatuto dos refugiados. Fonte: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

ONU. (1967). Protocolo de 1967 relativo ao estatuto dos refugiados. Fonte: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf

Perine, M. (1987). *Filosofia e violência: Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. São Paulo: Loyola.

Priberam. (s.d.). Priberam Dicionário. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/>
Público. (2015). Parlamento húngaro aprova construção do muro para travar imigrantes. Fonte: Publico: www.publico.pt/2017/07/08/mundo/noticia/parlamento-hungaro-aprova-construcao-do-muro-para-travar-imigrantes-1701393

Safatle, V. (2015). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify.

Safatle, V. (2016). *Refugiados que devem ser educados*. Folha de SP.

Teixeira, L. C. (2002). Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico-USF*, 195-200.

Weber, M. (1991). *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB.

World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.

Zimmer, C. (2017). In *Neanderthal DNA, Signs of a Mysterious Human Migration*. New York Times.

Zizek, S. (2014). *Violência*. São Paulo: Boitempo.